

Sobrenome emprestado no início do século

Bisavô do candidato do PRN adotou nome do padraсто e o passou a seus descendentes

MARLENE GALEAZZI

O líder das pesquisas eleitorais até agora, Fernando Collor de Mello, candidato do PRN à Presidência da República, deveria se chamar Fernando Boekel de Mello se, no início deste século, seu avô materno não tivesse trocado o sobrenome Boekel — herdado do pai, por Collor — mais sonoro e assimilável pelo ouvido brasileiro —, tomado de empréstimo do padraсто.

A história dos Boekel e dos Collor remonta ao final do século passado. Descendentes diretos dos primeiros colonos chegados ao Brasil, João Boekel e Leopoldina Schreiner casaram-se e tiveram três filhos. Com a morte do marido em 1893, Leopoldina, então trabalhando num hotel em São Gabriel da Estrela — depois Setembrina —, transferiu-se para Barra do Ribeiro, também no Rio Grande do Sul, onde se casou com João Antônio Collor, alemão nato e ex-proprietário de uma empresa de navegação fluvial.

Filho mais novo de João Boekel e Leopoldina, — Lindolfo — registrado Lindolf Leopold — resolveu adotar na adolescência o sobrenome do padra-

sto. E foi como Lindolfo Collor que passou para a História, tendo sido jornalista, deputado e ministro do Trabalho de Getúlio Vargas. O sobrenome emprestado passou adiante, a todos os seus descendentes, entre eles o neto Fernando Collor de Mello.

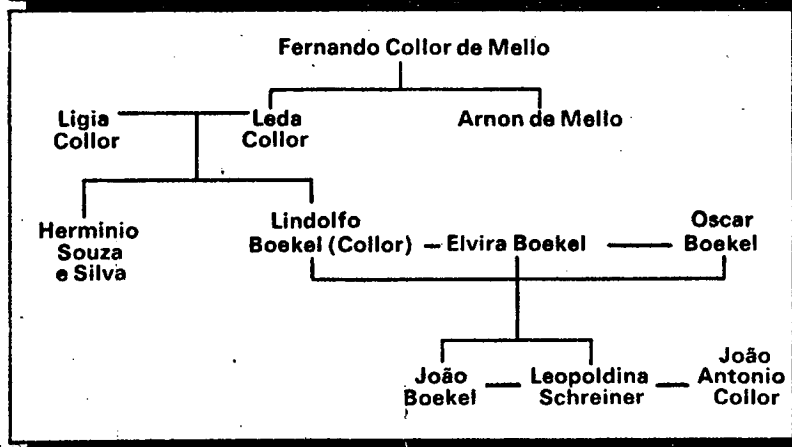
A história da troca do sobrenome de Lindolfo estava esquecida até o início de setembro, quando começou a ser lembrada por algumas pessoas no sul do País. Quem acendeu o estopim foi o próprio Fernando Collor: então com mais de 40% das intenções de voto, o candidato justificou não participar de debates com o argumento de que o confronto com os outros seria desigual — “o mesmo que enfrentar o Itagiba Futebol Clube”, afirmou ele, criando um time fictício com o nome de batismo do adversário Leonel Brizola.

POLEMICA

Os primeiros comentários da troca de nome de Lindolfo Boekel surgiram em São Leopoldo, cidade próxima de Porto Alegre, onde nasceu o avô de Fernando Collor. “Já ouvi comentários inaceitáveis de gente querendo acusar Lindolfo por ter adotado um sobrenome”, diz o professor Telmo Lauro Müller, diretor do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo. Para ele, o avô do candidato a presidente fez o que tinha de ser fei-

A árvore invertida

Ha duas gerações, parte da família Boeckel passou a se chamar Collor



to. “O padraсто o ajudou e deu estímulo para ele chegar aonde chegou”, argumentou.

A troca de sobrenome gerou polémica no passado. Clodimir Vianna Moog, autor do livro *Um Rio que Imita o Reno*, foi amigo do ministro Lindolfo Collor e testemunhou as resistências enfrentadas por ele, fatos que Moog registrou em 1976, no 2º Simpósio da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul, em São Leopoldo.

Segundo o escritor, os opositoristas não pouparam Lindolfo por vários motivos, entre eles o de haver mudado não só de partido como de nome, ou o de “ser um alemão que queria

vender-se por brasileiro”. Moog diz que “o nome de Collor soava melhor que Boekel, por mais eufônico e com melhor trânsito nos meios em que atuava”.

MESMO CANDIDATO

Distantes da polémica da mudança de sobrenome, em cidades diferentes, duas famílias vivem outro lado da história. Uma é a dos descendentes dos Boekel, parentes legítimos de Fernando Collor de Mello. A outra, a dos Collor, parentes emprestados e descendentes diretos do homem que ganhou a admiração de Lindolfo Boekel. Ambas as famílias têm um ponto comum: a esperança de que

Fernando Collor de Mello se torne presidente da República.

Zaida Boekel Zanela Cruzius, de 59 anos, vive em São Leopoldo com o marido, Vitor Cruzius, engenheiro agrônomo-aposentado. A avó dela, Elvira, foi a única irmã de Lindolfo Collor. Zaida não faz alarde de seu parentesco com Fernando Collor, mas trabalha na campanha do PRN e, junto com a mãe do candidato, Leda Collor de Mello, que é sua tia, fundou o comitê em São Leopoldo. Zaida revela que dos três filhos da viúva Leopoldina Scheiner Boekel, sua bisavó, “o único que adotou o sobrenome do padraсто Collor foi Lindolfo”.

Distante de São Leopoldo, na pequena cidade de Barra do Ribeiro, do outro lado do Rio Guaíba, vivem os verdadeiros Collor, descendentes do segundo marido de Leopoldina Boekel. A população desconhece o fato e os trata como parentes do candidato. “Quase ninguém sabe, mas o Lindolfo, ministro e avô do Fernando, foi filho adotivo do meu bisavô”, diz Milton Collor Würding, de 66 anos. Ele não teve contato pessoal como ex-governador de Alagoas, mas vai votar nele.

Sua prima Edith Collor Figueira, 62 anos, comerciante, de tanto ver Collor na televisão e nas fotografias chega a identificar “traços da família Collor” no candidato do PRH. Junto com os parentes, Edith está em

campanha por Fernando e tem um sonho: ver Collor de Mello fazer comício em Barra do Ribeiro.

DESCONFIANÇA

O Collor gaúcho mais envolvido na campanha do Collor de Alagoas é João Albano Collor, 48 anos, funcionário público. Ele conheceu recentemente o presidente e acredita que a história em relação ao nome de suas famílias não está bem contada. “Acho que temos um parentesco sim”, desconfia mas não consegue provar o contrário do que os documentos mostram.

Na realidade, como todos os outros Collor, João Albano descende de um filho que João Antônio Collor tinha quando se casou com a viúva Leopoldina Boekel. Com ou sem parentesco real, ele está providenciando a viagem da mãe de Fernando a Barra do Ribeiro. Entre outras coisas, João Albano quer mostrar a Leda alguns móveis que pertenceram a sua avó Leopoldina e ao padraсто de seu pai, João Albano Collor.

Os móveis estão na casa de Catharina Silveira, 90 anos, que, sabendo da intenção de João Albano, adverte: “Só vou mostrar, já que não darei para ninguém”. Collor vendeu a casa para seu pai, junto com os móveis. “E isto não tem nada a ver com candidatos. É outra história”, esclarece Catharina.